



Os felizes 102 anos de Dona Adélia Saboia Azevedo comemorados com bela festa no Rio

• PAG. 4



Dona Adélia Saboia Azevedo com a amiga Elizabeth Araújo

Maria Júlia Diniz foi ao Vietnã e participou de um Programa de Voluntariado Médico

• PAG. 2

Divulgação

UM FOCO

de luz na beleza morena de Luciana Valadão, que forma com o médico Gustavo Valadão um jovem e charmoso casal da sociedade maranhense

• PÁG. 2



Há algum tempo contei aqui que tinha um parente distante internado numa dessas instituições que cuidam de idosos. Toda vez que chegava para visitá-lo, uma senhora de cabelos nevados ia ao meu encontro no portão, fingia surpresa ao me ver e repetia sempre a mesma e ensaiada frase:

- Pensei que fosse o meu filho!

Nunca era. Conversando com uma funcionária da casa fiquei sabendo que aquela simpática idosa raramente recebia visitas. Mas, no seu universo solitário, mantinha acesa a esperança desarrazoada de que seria resgatada do esquecimento. Nas tardes de sábado e domingo, ficava inquieta. Cada vez que tocava a campainha, erguia-se da cadeira e acelerava os passos lentos na direção da porta de entrada.

Confesso que eu ficava com o coração partido quando a via, mas tinha certeza de que não se tratava de um caso isolado. Nos asilos, nos abrigos públicos e até mesmo nos hospitais, é rotineiro o abandono de idosos por seus familiares.

Mas esses pelo menos têm teto, alimentação e alguma assistência. Dramática mesmo é a si-

SOLIDÃO

é um rosto enrugado à espera de uma visita improvável

tução daqueles que perdem o rumo pelas ruas.

Certa vez, conheci, durante uma visita à cidade de Porto Alegre (RS), o jornalista Plínio Nunes, um profissional sério, competente e sempre preocupado com a situação desses extraviados da sorte. Fiquei sabendo que ele editava há muitos anos num jornal gaúcho, um espaço com notícias sobre pessoas perdidas e abandonadas. Era uma espécie de galeria de desgarrados, com fotinhos três por quatro e informações essenciais sobre as pessoas procuradas ou desamparadas. Meticuloso, ele mantinha um controle rigoroso da sua clientela, conferindo registros policiais e informações dos

Juizados de Infância e Conselhos Tutelares. As vezes chegava a publicar sete ou oito vezes o mesmo rosto desconhecido, até ter a sua recompensa:

- É muito emocionante receber ligações de pessoas que encontraram seus familiares por causa da notícia no jornal.

Penso no trabalho anônimo de Plínio cada vez que vejo velhinhos asilados ansiosos por receber visitas que não chegam. Talvez eles também devessem ter suas fotos publicadas no jornal, para refrescar a memória dos parentes e amigos que não os procuram. Aposto que o filho da senhora de cabelos nevados, que nem sei se resis-

tiu à pandemia - meu parente foi dos primeiros a ser alcançado pela Covid 19 -, levaria um tremendo susto se a visse num cantinho de página, com o seu olhar de eterna espera.

Cada vez que a encontrava, me lembrava também da canção que Jorge Drexler (cantor e compositor uruguaio, mais conhecido pela sua música "Al otro lado del río", a primeira canção em espanhol a vencer o Oscar de melhor canção original) canta em parceria com Maria Rita:

"Solidão/ aqui estão minhas credenciais/ eu venho bater na sua porta/ Desde há algum tempo/ Acho que vamos passar um tempo juntos/ Proponho que você e eu nos conheçamos/ Aqui estou / eu te trago minhas cicatrizes/ Palavras no papel pentagrama/ Não preste muita atenção ao que eles dizem/ Você vai me encontrar/ Em cada coisa que eu mantive em silêncio/ Acabou/ Eu já deixei manchar/ A ilusão de que viver é indolor/ Que estranho você é/ Quem me acompanha, solidão/ Para mim, que nunca soube bem/ como ficar sozinho"

A identidade da solidão é um rosto enrugado à espera de uma visita improvável, numa tarde de sábado. Ou domingo



Fotos/Divulgação

A acadêmica de medicina Maria Júlia Diniz durante programa de voluntariado no hospital Benh Vien 1ª, na cidade vietnamita de Ho Chi Minh

MARANHENSE NO VIETNÃ

A acadêmica de medicina residente em São Paulo Maria Júlia Calheiros Santos Diniz, filha de José Augusto Diniz e Karla Patrícia (leia-se Operadora Maxx), vivenciou uma experiência riquíssima em aprendizagens não apenas médicas, mas também culturais e humanitárias, e que renderam belas memórias e grandes lições.

Trata-se do programa de voluntário que a jovem maranhense realizou durante todo o último mês de julho na cidade de Ho Chi Minh, na parte sul do Vietnã.

Lá, Maria Júlia frequentou o hospital de trauma, reabilitação e ortopedia da cidade, conhecido como Benh Vien 1A, no qual teve a oportunidade de aprender muito com mentores e acompanhar de perto a realidade da medicina em um país asiático.

A jovem estudante maranhense atuou como voluntária nos departamentos de acupuntura, cirurgia ortopédica, fisioterapia, reabilitação, creche das crianças

com necessidades especiais, terapia ocupacional e atendimento clínico nos consultórios com enfoque em medula espinhal.

O tempo livre foi dedicado a conhecer pontos turísticos como as cidades de Mũi Né, Can Tho (no qual fica localizado parte do Rio Mekong e o mercado flutuante), Cu Chi (cidade da exposição dos Túneis de Cu Chi, relevantes na guerra) e Hả Long Bay.

Maria Júlia descreve como inesquecível e altamente transformadora essa experiência de voluntariado:

“Para mim o que mais se destacou foram os resquícios da Guerra do Vietnam na sociedade. Os Estados Unidos utilizaram um composto radioativo chamado “agente laranja” durante a guerra para devastar a vegetação do país, no entanto os reflexos relacionados às mutações são apresentados até hoje na população. Ainda existem muitas crianças que nascem com paralisia cerebral como consequência disso e no hospital tínhamos um

departamento especial para ajudá-las. Para mim esse foi o momento mais impactante de toda a viagem” – pontua.

E acrescenta: “Acredito que a bagagem que trago comigo, ao retornar de uma experiência tão enriquecedora, é gigante! E com certeza o meu olhar para o paciente e meu modo de observar a medicina foram mudados no sentido positivo, sempre buscando a empatia com o próximo. Voltei com uma carga de conhecimento que vou levar comigo para vida toda”, conclui Maria Júlia.

Já de volta à rotina de estudos em São Paulo, Maria Júlia segue com as aulas no Centro Universitário São Camilo, onde cursa o quinto período de Medicina. Mas já sonha com a formatura, quando poderá seguir contribuindo com populações em situação de vulnerabilidade social.

Estão em seus planos também continuar com os esses projetos de intercâmbio no exterior, além de ajudar a população local em ações de voluntariado.



A maranhense Maria Júlia aproveitou os momentos de folga para fazer turismo, desbravando as belezas do Vietnã



Fotos/PH

NO MAMMA

O mais vitorioso empresário maranhense da área de gastronomia, Reges Fialho, não se acomoda e está sempre conferindo o que os seus concorrentes estão fazendo para conseguir sucesso na área.

Domingo passado, por exemplo, ele levou a esposa Socorro, os filhos Fernando e Marcelo, com as esposas Melissa e Aline, respectivamente, (foto acima) e foram saborear os quitutes deliciosos do restaurante italiano Mamma, de Gabrielle e José Sobral Neto, onde encontraram muitos clientes e amigos.

Uma tarde das mais alegres e agradáveis.



Socorro Fialho com a amiga Thatiana Bandeira



César Bandeira e Reges Fialho



Cida Valadão e sua tia Lisiane Neiva Rego



Os irmãos Gabriella Valadão e Gustavo Valadão - este, com a esposa Luciana, que é destaque de Capa da edição do PH Revista deste fim de semana

LUPA SOBRE OS TRIBUNAIS DE CONTAS

Responsáveis por fiscalizar os gastos públicos no Brasil, os 33 tribunais de contas do país – incluindo a Corte no Maranhão – estão passando por um processo de avaliação com o exame de mais de 400 itens.

Chamado de “marco de medição de desempenho”, o trabalho é uma tentativa de “olhar com lupa” a forma como atuam os principais órgãos de controle brasileiros.

Pode parecer um tema árido e distante do dia a dia, mas não é. Cabe a esses tribunais evitar o mau uso do dinheiro de quem paga impostos e impedir fraudes. Por isso

é tão importante saber como atuam. São transparentes?

A fiscalização segue um padrão? Há lacunas? Há exemplos que podem ser replicados e adotados em todos os Estados? Todas essas questões serão respondidas.

A intenção é identificar a realidade de cada tribunal e examinar como procedem na fiscalização aos jurisdicionados. O objetivo, com isso, é melhorar a atuação com o apoio dos próprios órgãos.

Todos, inclusive o TCU, se dispuseram a participar, à frente da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon).

Coordenado pela entidade, o levantamento tem a certificação externa da Fundação Vanzolini, ligada à Universidade de São Paulo (USP).

A última análise do tipo ocorreu em 2019. Desde então, devido à pandemia, o escrutínio não era realizado, o que torna o esforço atual ainda mais relevante.

Desde agosto, 20 tribunais já receberam visitas técnicas. A previsão é de que o trabalho in loco termine no próximo dia 30.

O diagnóstico final sobre a qualidade e a agilidade do controle externo será conhecido em novembro.



Irene Papas foi chamada pelo cineasta português Manoel de Oliveira de "a essência mais profunda da alma feminina"

Meus ídolos estão indo embora

Setembro de 2022 está sendo, para mim e minha geração, um mês de grandes perdas na área do cinema e da literatura. Perdemos o espanhol Javier Marías, o francês Jean-Luc Godard e, no último dia 14, a atriz e cantora grega Irene Papas, conhecida como uma das atrizes mais trágicas do cinema moderno. Ela morreu aos 96 anos na sua aldeia natal, Chiliomodi, perto de Corinto, e sofria do Mal de Alzheimer. Popularizada pelos seus papéis em Os Canhões de

Navarone (1961) e Zorba, o Grego (1964), que vi pela primeira vez no nosso emblemático Cine Eden, na Rua Grande.

Irene Papas contracenou ao longo da sua carreira com "monstros sagrados" como Katherine Hepburn, Sophia Loren, Anthony Quinn, Richard Burton ou Yves Montand; mas Hollywood nunca aproveitou ao máximo a sua presença intensa, que parecia transmitir uma força telúrica que atravessara séculos.

Meus ídolos estão indo embora...2

A carreira de Irene Papas ficou necessariamente marcada pelas suas interpretações das grandes tragédias gregas, tendo vencido o Urso de Prata de melhor atriz em Berlim por Antígona de Yorgos Tzavellis (1961).

Capaz de navegar sem problemas entre o cinema e o teatro, Irene Papas interpretou igualmente Helena de Tróia, Ifigênia e Electra no cinema, e no palco, um pouco por todo o mundo, Clitemnestra, Fedra ou Medeia, a par de autores como

Dostoiévski, Ibsen ou Shakespeare.

Ela filmou por três vezes com o cineasta português, que teve o prazer de receber em São Luís e depois o reencontrei no Festival de Cannes, Manoel de Oliveira, que lhe chamou "a essência mais profunda da alma feminina" e "a mãe da civilização ocidental"; foi em Party (1996), Inquietude (1998) e Um Filme Falado (2003), tendo este último marcado praticamente o final da sua carreira no cinema.

Contra o câncer de mama

Foi publicada no começo da semana, no Diário Oficial da União, uma portaria que incorpora o medicamento trastuzumabe entansina, ou TDMI-1, ao Sistema Único de Saúde (SUS).

A substância é usada para o tratamento do câncer de mama no Brasil desde 2014, quando recebeu

a aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

O remédio não causa alguns efeitos colaterais associados ao tratamento de câncer, como queda de cabelo, mas requer cuidados.

Ainda não há informações sobre quando o item chegará à rede pública de saúde.

Contra o câncer de mama...2

O TDMI-1 é indicado para os casos avançados de um tipo de câncer chamado HER2-positivo, em que as células cancerígenas apresentam níveis elevados da proteína HER2 e tendem a se disseminar de forma mais rápida.

Segundo o Ministério da Saúde, a medicação passou por avaliação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (Conitec), que assessora a pasta no que tange

à incorporação, exclusão ou alteração de tecnologias em saúde pelo SUS.

Os casos em que há a amplificação da proteína correspondem a entre 20% e 30% dos tumores de mama invasivos, e o diferencial do medicamento trastuzumabe entansina é a sua ação direta sobre a proteína HER2.

Trata-se de um composto chamado de conjugado droga-anticorpo.

BOAVENTURA CONFIRMADO



DANIEL BOAVENTURA é nome confirmadíssimo para o show musical programado para a noite de 7 de outubro, no Palazzo Eventos, durante a segunda edição do Wine Celebration, o mega-evento desta temporada

O pior pesadelo de um general

1 Para um general, uma das mais vergonhosas imagens é ver sua tropa batendo em retirada, abandonando pelo caminho a armadura de seu exército: blindados, lança-foguetes, caminhões e jipes.

Pior do que isso, é o capítulo seguinte: ver os soldados inimigos escarafunchando o armamento de seu país ou o exibindo como troféu.

Não por acaso, exércitos em fuga costumam destruir seu próprio arsenal ou retirar códigos-fonte, em desespero antes da fuga, para que não caiam nas mãos dos inimigos.

A História é pródiga em cenas desse tipo. Apenas dois exemplos contemporâneos: a rota do desespero dos homens de Saddam Hussein do Kuwait, em 1991, que deixou para trás um mar de aço retorcido no deserto; e a mal planejada retirada das tropas americanas do Afeganistão, em 2021, quando barbudos talibãs apareceram em fotos dando um passeio de helicóptero UH-60 Black Hawk – aliás, estima-se que a milícia herdou o equivalente a R\$ 93 bilhões em armas e veículos abandonados.

2 Na Ucrânia de 2022, o véu de mentiras que protege o que havia de dignidade das forças armadas russas foi retirado nos últimos dias, com cenas de equipamentos queimados no caminho para Kharkiv, no leste do país.

Os russos bateram em retirada da segunda maior cidade ucraniana, uma metrópole com população equivalente a quase duas São Luís, localizada a apenas 40 quilômetros da fronteira da Rússia.

Há algo errado quando um exército decide invadir outro país e não consegue manter uma posição tão próxima de seu território. A Rússia não conseguiu.

Pior: entre o dia 7 de setembro e o último domingo, suas forças armadas teriam perdido 338 caças, tanques e caminhões, deixados para trás, conforme o site de inteligência de código aberto Oryx.

3 Acabou a guerra? Claro que não. Mas o avanço ucraniano dos últimos dias revela o esgotamento russo, que depende, de um tempo para cá, basicamente de prisioneiros, obrigados a ir ao front para não serem mortos, e mercenários chechenos dispostos, como o nome diz, a ganhar dinheiro com a indústria da morte.

Não há invenções na contraofensiva ucraniana, cujas técnicas pululam manuais de estratégia: desinformação (cortina de fumaça), ao anunciar ataques no Sul, fazendo o inimigo deslocar tropas para a região, desguarnecendo outra, que acaba sendo alvo da ação; e corte nas linhas de suprimentos.

A Ucrânia tem feito ataques cirúrgicos à logística russa, mirando, graças ao apoio da inteligência americana, locais com efetivo menor e tropas mal preparadas.

As imagens dos equipamentos russos destruídos, que supõem soldados em fuga, devem aumentar. Isso fará crescer a pressão interna sobre Vladimir Putin, que nunca precisou tanto da China para manter seu arroubo de grandeza à Oeste.

70 ANOS DE CÉLIA FEIJÓ

Divulgação



A na Célia Feijó, ao lado do marido Maurício Feijó, reúne amigos neste domingo, 18, para comemorar em grande estilo seus bem vividos 70 anos, com um almoço no buffet Villa Reale, no Altos do Calhau, a partir das 13h

Os melhores bares do país

Saiu a lista dos 100 melhores bares do Brasil no ranking da revista Exame.

O bar é onde os amigos matam a saudade. Onde os problemas do mundo são analisados, debatidos, mas rapidamente consertados. Onde as pessoas se apaixonam, se desapaionam e voltam a se apaixonar. Onde nascem músicas, onde a afinação é desnecessária.

Mais de 90% dos bares fica em São Paulo. O restante, no Rio, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza e um

em Belém. São Luís ficou fora da lista.

A seleção foi feita por um júri formado por 61 renomados críticos e influenciadores de todo o país. Cada especialista apontou dez bares de sua preferência, sem ordem de importância. É um guia que reconhece o trabalho de toda a cadeia, dos garçons aos empresários. Os jurados também apontaram os melhores bartenders, as estrelas por trás dos balcões.

No topo, ficou o Tan Tan, de São Paulo.

Uma cidade mais colorida

Um exemplo de Porto Alegre que outras grandes cidades, como São Luís, poderiam muito bem imitar.

Ou seja, a capital gaúcha vai ficar mais verde e florida. Lá, a prefeitura acaba de abrir licitação para contratar uma empresa que terá a incumbência de plantar e cuidar de 5.420 novas mudas de árvores na cidade – a última vez em que isso ocorreu foi em 2019.

Entre as espécies selecionadas, estão ipês de diferentes tipos, quaresmeiras, camboatás, jerivás, aguai-da-serra, pau-de-tamambo, capororoca, guaçatonga,

laborandi, pau-ferro, guamirim-murta, louro-pardo, catiguá, cocão e louro-salgueiro. A prioridade é para mudas nativas.

Cerca de 2,6 mil mudas irão sombrear e embelezar ruas, avenidas e praças onde houve maior retirada de plantas nos últimos anos e locais com menor arborização, algo fundamental para melhorar a qualidade da vida urbana.

A intenção é estender esse processo por cinco anos, que é o período necessário para a consolidação da árvore jovem. O grande diferencial será a manutenção. Isso é o que vai garantir o sucesso.



A rainha Elizabeth II com a elegância que marcou o seu reinado

A rainha Elizabeth e a Peterlongo

Com funeral marcado para o dia 19, em Londres, a rainha Elizabeth II esteve uma única vez no Brasil, em 1968 - e o que talvez você não saiba dessa história é que, durante a visita, a monarca foi recebida com o Fino Champagne Peterlongo Brut.

Um dos brindes ocorreu em São Paulo, na companhia do então governador Roberto Sodré.

A bebida produzida em Garibaldi, na serra gaúcha, fazia sucesso em eventos oficiais do país desde os anos de 1930, quando Getúlio Vargas se tornou presidente da República.

O gaúcho era amigo pessoal do saudoso Armando Peterlongo, que por anos comandou a vinícola.

Reza a lenda que Elizabeth II elogiou a qualidade do produto brasileiro.

Para crer no ser humano

1 Esta história circula na internet, talvez seja ficção, mas é tão comovente que decidi recontá-la. O velho professor caminhava pela rua quando foi abordado por um jovem: "O senhor se lembra de mim?". Diante da negativa, o outro informou que havia sido seu aluno e que, por causa dele, também se tornara professor. O mestre então quis saber o que exatamente o havia inspirado.

Contou o rapaz: "Um dia um colega chegou com um relógio novo e bonito. Então, eu decidi roubá-lo. Tirei do bolso dele sem que visse. Quando percebi, reclamei para você, que parou a aula e pediu que o autor do furto devolvesse o objeto. Como ninguém se manifestou, você fechou a porta, pediu que todos se levantassem e ficassem de olhos fechados para a revista. Você encontrou o relógio no meu bolso, mas continuou revistando todos os demais. Quando terminou, apenas anunciou que o relógio fora encontrado, devolveu-o ao dono e não disse a ninguém quem o havia roubado. Naquele dia, o mais vergonhoso da minha vida, você salvou minha dignidade. Nunca me falou nada, não me repreendeu nem me deu lição de moral, mas eu entendi a mensagem e percebi o que é ser um verdadeiro educador. O senhor não se lembra disso?"

Respondeu então o professor: "Lembro-me do episódio e do relógio devolvido, mas não sabia que era você, pois também fechei os olhos durante a revista."

2 Já esta outra história eu atesto como totalmente verdadeira, pois aconteceu com dois jovens da minha família. Namorados, passaram um fim de semana em São Luís e já estavam na rodoviária para voltar a Presidente Dutra, com passagem comprada, mas sem dinheiro sequer para o lanche. E teriam que esperar pelo ônibus por mais de seis horas.

Famintos, sentaram-se num banco e começaram a conversar sobre o assunto. Poucos minutos depois, um homem que estava próximo (e que certamente ouvira a conversa) levantou-se, agachou-se perto deles e fingiu juntar um dinheiro do chão; "Vocês deixaram cair isso! - falou, enquanto largava as notas no banco e se afastava sem esperar agradecimento."

3 Eis esta última que aconteceu comigo, quando terminava o Ensino Médio no Colégio São Luís. Alguns colegas fariam vestibular, mas eu não tinha o dinheiro da inscrição. Havia gasto em festas com os amigos toda a mesada que meus pais mandaram do interior. O professor de História ficou sabendo por um colega meu, me procurou, colocou discretamente um envelope no meu bolso e se justificou: "Recebi um aumento de salário e não estou precisando. Tinha exatamente o valor da taxa de inscrição. Foi graças ao professor Kalil Mohana, um saudoso e querido amigo, que aprendi a contar histórias."

Fotos/Paulo Soares/Divulgação/Herbert Alves



Toda de azul turquesa, Dona Adelinha Azevedo exibiu um porte de rainha



Dona Adelinha Azevedo com a filha Cecília Maria e a blogueira Sylvinha de Castro

OS 102 ANOS

de uma grande dama do Ceará, do Maranhão e do Rio de Janeiro

Completar um século de vida é pertencer à História do mundo de uma forma mais profunda, autêntica e rara. Em julho de 2022, a cearense que morou meio século em São Luís e há alguns anos está radicada no Rio de Janeiro, Adélia Sabóia Azevedo, ou simplesmente Dona Adelinha, ultrapassou essa marca e celebrou 102 anos de vida ativa e sempre alegre.

Aconselhada pelo filho médico Ribamar Azevedo a adiar a festa, somente no dia 7 de setembro, quando se comemorava os 200

anos da Independência do Brasil, ela abriu seu apartamento, chamou alguns amigos e fez a comemoração com uma tarde de muito charme e elegância – ela própria, no melhor estilo da Rainha Elizabeth II, usando um bonito vestido azul turquesa, com um chapéu de aba larga da mesma cor.

São poucas as pessoas que podem se gabar de ter uma vida tão cheia, tão rica de histórias para contar. Completar 102 anos de nascimento é algo memorável. É uma data marcante que

infelizmente raras pessoas no mundo conseguem alcançar. E Dona Adelinha é uma exceção à regra.

Além de tudo, ela é um ser humano incrível por quem a idade nunca se revoltou.

A idade mágica de 102 anos de existência de Dona Adelinha ganhou uma festa celebrada com muita alegria, paz e amor.

Que sua história de vida seja, mais do que nunca, recordada todos os dias com muita clareza e emoção.



Dona Maria da Glória (mãe do Pe. Jorjão) com sua filha Andréa Araújo, Claudio Aboim e Henrique Hiera



Luiz Bangio o Padre Jorjão (Jorge Neves Vieira da Silva) e a aniversariante



Cristina Aboim



Elizabeth Araújo, Lygia Bogéa, Dona Adelinha Azevedo, a filha Cecília Maria e Arlita Quinderé



Dona Adelinha com o filho, médico Ribamar Azevedo



O bolo de aniversário num cenário de peças de arte



A charmosa Vera Bangio

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Meirelles Jr. entre Heliana e Larissa Alencar



Ludmilla Fecury e Maria da Graça Albuquerque



Anna Graziella Neiva Costa e Olga Simão



Lorena Abdalla e Lícia Palácio



Vanessa Milbourne e Carol Aranha

LENÇÓIS MARANHENSES

inspiram uma coleção de joias contemporâneas assinadas a quatro mãos por duas designers

Engana-se quem pensa que o paraíso natural chamado Lençóis Maranhenses, é de fácil relato ou mesmo algo que se pode comparar. É quase impossível descrever o conjunto de belezas, encantos e mistérios, que fazem hoje do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, um dos maiores atrativos naturais, visitados por turistas do mundo inteiro. Nos meses de maio até agosto, toda chuva que cai na região fica em lagoas entre as dunas, e este é o período de melhor visitação deste atrativo turístico do Maranhão.

Criado em 1981 e localizado às margens do Rio Preguiças, na região Nordeste do país, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses lembra um grande deserto, com dunas que podem chegar a quase trinta metros de altura. As águas da chuva que banham a região, aprisionadas

pelas dunas, formam as inúmeras lagoas de água doce que colore a paisagem com suas tonalidades azul e verde.

São 155 mil hectares de paisagens deslumbrantes, contornados por cerca de 70 km de lagoas, dunas e praias. As lagoas, Azul e Bonita, famosas pelo seu encanto e condições de banho, chamam a atenção dos turistas pelo tamanho e formação; as praias de Caburé e Atins surpreendem pela aproximação com o rio Preguiças que não ultrapassa a marca de 200 metros de distância; o povoado de Vassouras, conhecido pela recepção calorosa de macacos é um verdadeiro oásis em pleno Parque, e Mandacaru, uma vila de pescadores onde a maior atração é um farol de 54 metros de altura, com vista panorâmica de toda região.

Escondida no meio do Maranhão, a região dos Lençóis

Maranhenses é um dos mais puros, intactos e impressionantes pedaços do Litoral brasileiro, que atrai e encantam cada vez mais turistas e estudiosos do mundo inteiro.

Quem conhece a região, logo se encanta pelo mistério das dunas gigantescas, formadas a partir do vento, principal responsável pela constante mutação das dunas de areia, que ao serem desenhadas, vão formando um cenário único de beleza e mistério.

Outro fenômeno interessante e de igual beleza natural, é que nas lagoas formadas pelas chuvas há peixes que sustentam os moradores durante a época de cheia. As lagoas também são habitadas por crustáceos e tartaruguinhas verdes, que são encontrados na época de cheia das lagoas que acontece de abril a julho.

A fauna e a flora da região são compostas por aves migratórias

como maçaricos, garças, guarás e marreca de asa azul. Nos manguezais se destacam a jacaretinga, macaco, coruja, veado-mateiro e a paca. Nas lagoas há crustáceos e peixes e até jacarés e no mar se pode encontrar tartaruguinhas verdes. Na maior parte da localidade não há cobertura vegetal. Os manguezais aparecem em uma pequena área, principalmente próximos aos solos de várzeas e cursos de rios.

Pois bem, imagens desse paraíso ecológico feitas pelo fotógrafo Meirelles Júnior foram o ponto de partida para Heliane Alencar e sua nora Larissa Gratão Alencar desenvolverem uma belíssima e pioneira coleção de joias contemporâneas que foi apresentada à sociedade maranhense durante um encontro festivo realizado no último dia 13, na Cantaria Casa de Arte, no Calhau.



No ambiente com lindas fotos de Meirelles Jr., Larissa Gratão Alencar e Heliane Alencar



Theo Alencar, Heliana e Ricardo Max Alencar, Larissa e Higor Alencar



Larissa Gratão, Maria Adriana Sarney Caminha, Heliana Alencar e Rayssa Murad



Jeane Gama, Cinthya Saldanha Santos e Gabriela Gama



Toda a alegria de Rosário Saldanha



Vanessa Milbourne, Carol Aranha, Gabriela Gama e Rafaela Albuquerque



Mariléa Santos Costa e Ananda Farias



Terezinha Gaspar e Jacira Haickel



Janaina Albuquerque Oliveira



Vitoria Régia Rayol Salles



Dona Elimar Almeida Silva, Heliana Alencar e Virgínia Albuquerque



Thelma Arraes Garcia



Vanessa Diógenes



Lindalva na moldura do marido Ednei Viégas Reis e a filha Waléria Letícia

JANTAR PARA LINDALVA REIS

Quando Lindalva Reis muda de idade, uma coisa já se sabe: seu apaixonado marido Ednei Viégas Reis (leia-se Óticas Veja) não deixa de festejar a data. Juntamente com a filha do casal, Waléria Letícia, se esmeram numa produção de charme e bom gosto, como aconteceu no último dia 13, quando eles reuniram

amigos para um jantar dos mais alegres e agradáveis, com música de sax, bolo de aniversário e uma atmosfera de muita alegria e simpatia, marca das reuniões promovidas pelos Viégas Reis.

Lindalva era só emoção recebendo os abraços dos amigos que foram festejados pelo aniversário.



Des. Gerson de Oliveira Costa Filho e Mariléa com Lindalva e Ednei Viégas Reis



Robério e Lenny Giffone



Padre Eduardo



Lindalva Reis entre o Dr. Eduardo Pereira e Teresa, Camila Porto e Eduardo Pereira Neto



Carol e Maurício Pinheiro

Fotos/Divulgação



Milena Pinheiro e Jean Farias



Ana Brandão e Fernando Cardoso



Dina Viégas e Albertino Leal de Barros Filho



Dr. Oftalmo Marcos Pinheiro e Juliana



César e Tatiana



Nildes Lima (diretora geral das Óticas Veja São Luís) e Lindalva Reis

LITERATURA



Retrato de Fernando Pessoa, do fotógrafo, pintor e gravurista Almada Negreiros, na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa

Publicada em Portugal a antologia pioneira de Fernando Pessoa

Um dos primeiros pesquisadores a ousar “a construção de um percurso reflexivo” sobre a obra pessoana vê agora, a título póstumo, a sua ambiciosa obra voltada para o futuro.

Fernando Pessoa nunca teve “o valor de expressão poética”, afirma o escritor e ensaísta Adolfo Casais Monteiro, na introdução à antologia do autor de Mensagem, uma edição pioneira que organizou e que está sendo publicada agora e da qual recebi um exemplar esta semana.

Para o poeta, tradutor, professor, crítico e ensaísta Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), um dos primeiros pesquisadores a ousar “a construção de um percurso reflexivo” sobre a obra pessoana, Fernando Pessoa é “um dos quatro maiores” da poesia portuguesa, ao lado de Luís de Camões, Teixeira de Pascoaes e Antero de Quental.

Na antologia Poesia de Fernando Pessoa, que organizou na década de 1950, uma das primeiras dedicadas ao poeta, e para a qual escreveu a introdução, Casais Monteiro afirma que “nem por sombras” pretende “explicar a poesia” do criador de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, referindo-se à sua obra como “um produto de cultura, uma dessas obras cujas raízes vão buscar o mínimo de sangue que lhes é necessário a uma tradição literária”.

O “segredo” do poeta Pessoa “é que ele transforma, diga-se assim, em emoções os seus pensamentos”, “sensibilizou o cerebral, deu raízes de existência ao absoluto”, escreve o autor de Canto da Nossa Agonia sobre o criador de Chuva Oblíqua.

A antologia reúne mais de 30 poemas de Pessoa, incluindo os dos seus heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Casais Monteiro defende uma absoluta unidade na obra de Fernando Pessoa, mesmo levando em conta os seus heterônimos. “Tal unidade parece-me existir na poesia de Pessoa. Que a multiplicidade de planos não nos iluda: que importa quanto se contradigam os vários heterônimos, se ao fim nos resta uma impressão de totalidade?”, interroga-se Casais Monteiro.

Para o professor que a ditadura do Estado Novo afastou do ensino, Fernando Pessoa “resume em si todos os caminhos”, e se

apresenta em todas as suas contradições, “como um clássico e como moderno, se ora é um cético, se cabem nele um materialista, um espiritualista e um panteísta, nos deixa ao fim uma impressão de totalidade”.

“Sim, a poesia de Fernando Pessoa parte de um nóculo central; daqui, os seus tentáculos estendem-se ao longo de túneis que a ansiedade do Homem escava em todas as direções, toma mil formas segundo o “drama” que encarna e salta por cima da maior ou menor vivacidade de quaisquer formas da experiência humana”, afirma Casais Monteiro.

A antologia inclui a transcrição da célebre carta de Pessoa sobre a gênese dos heterônimos, o único testemunho global sobre a sua criação, que dirigiu ao próprio Casais Monteiro, e as Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro, assinadas por Álvaro de Campos, heterônimo com o qual colaborou nos primeiros dois meses de 1931 na revista Presença, onde publicou também o poema O Guardador de Rebanhos, de Caeiro.

A Antologia inclui poemas como O Menino de Sua Mãe, Marinha, Passos da Cruz, Chuva Oblíqua, Como a Noite é Longa!, O Andaime, Natal, Tabacaria, Gazetilha, Aniversário, Poema em Linha Reta, num total de três dezenas de obras-chave de Pessoa.

Casais Monteiro “é um crítico literário dos mais importantes do século XX português, e também poeta relevante”, caracteriza o projeto Modernismo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordenado pelo professor e ensaísta Fernando Cabral Martins, responsável por diversas edições anotadas e comentadas de Fernando Pessoa, entre outros autores.

Adolfo Casais Monteiro, co-diretor da revista Presença de 1931 a 1940, com os escritores João Gaspar Simões e José Régio, foi perseguido pela oposição à ditadura. Afastado compulsivamente do ensino, em 1936, exilou-se no Brasil, em 1954, e aqui morreu 18 anos

mais tarde.

O Arquivo Virtual da Geração de Orpheu destaca “a incontornável associação do nome de Adolfo Casais Monteiro ao de Pessoa”, por “uma multiplicidade de fatores”, em particular o fato de Pessoa lhe ter dirigido “a famosa carta acerca da gênese dos heterônimos”.

Para os pesquisadores desse projeto da Nova, Casais Monteiro tem um papel pioneiro na “construção de um percurso reflexivo” da obra pessoana, pelo número de estudos que lhe dedicou, inclusive no contexto do seu trabalho para a Universidade de São Paulo, destacando-se ainda a antologia que organizou, e que publicou no Rio de Janeiro, em 1957, com um ensaio de introdução e uma bibliografia do autor.

Antes, na década de 1940, apenas a editora Ática iniciara a publicação da poesia de Pessoa, com organização do crítico e ensaísta João Gaspar Simões e do editor Luiz de Montalvor, um dos sobreviventes da chamada Geração de Orpheu, a revista do Modernismo português.

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, num prédio no Largo de São Carlos, no dia 13 de junho de 1888. Por ser dia de Santo Antônio, foi registrado com o nome de Fernando Antonio Nogueira Pessoa. Campo de Ourique foi o último bairro lisboeta onde morou, tendo residido com a família no primeiro piso de um prédio no n.º 16 da Rua Coelho da Rocha, depois de ter deambulado pela cidade, e alugado quartos na Estefânia e no Príncipe Real, entre outros bairros.

Pessoa é autor de obra vasta e plural, escrita em português e também em inglês. O autor publicou poucos textos em vida, um deles foi “Mensagem” (1934), tendo a maior parte da sua obra sido publicada na segunda metade do século XX. Atualmente, continuam a surgir inéditos.

Numa nota biográfica que escreveu meses antes de morrer, em Lisboa, a 30 de novembro de 1935, Pessoa afirmou-se poeta e escritor “por vocação”.

Nomes icônicos do mundo dos vinhos no Wine Celebration 2022

Faltam 22 dias para a edição 2022 do Wine Celebration (7 de outubro, às 21h, no Palazzo Eventos) e a produção não para de divulgar novidades. Já se sabe, por exemplo, que o público que vai prestigiar o evento terá o privilégio de degustar vinhos que levam a assinatura de gênios do universo enológico. Isto quer dizer que será uma oportunidade ímpar para incursionar pelo melhor dessa arte.

Uma dessas celebridades é o francês Pascal Marty, cujo nome se fará presente por meio de vinhos como Wineryard Cabernet Sauvignon, com 91 pontos no guia 'Descorchados' e 91 pontos em Robert Parker, e o tinto chileno Kalak.

Márcio Class, sócio-proprietário da AMZ, que realiza o evento, frisa que Pascal foi winemaker da Baron Philippe de Rothschild por mais de 14 anos, ocasião em que integrou o processo de expansão global da empresa e se transformou em um dos nomes mais reconhecidos e respeitados nessa área no mundo, considerado pioneiro em fazer vinho chileno super premium.



Enólogo Pascal Marty é uma lenda viva no mundo dos vinhos

Fotos/Divulgação

- O prefeito Eduardo Braide anunciou a continuidade das celebrações em homenagem ao aniversário de 410 anos de São Luís nos bairros da cidade.

- A festa começa nesta sexta-feira pela Cidade Olímpica, prosseguindo sábado no Anjo da Guarda e domingo no Maracanã.

- Depois, no dia 23, a programação continua no Coroadinho. No dia seguinte, será a vez da Cidade Operária. No dia 25 será a vez da Vila Luizão.

- O encerramento da programação será no dia 30, com festa na Vila Luizão. Toda ela contará com a presença dos atores da comédia Pão com Ovo e da banda Mesa de Bar.

- O Hospital Municipal Djalma Marques (Socorrão I) realizou a primeira cirurgia por videolaparoscopia em 50 anos de fundação da unidade de saúde.

- A técnica, minimamente invasiva que conta com o auxílio de uma câmera introduzida no abdômen para que sejam feitas as manobras cirúrgicas, foi possível graças aos equipamentos adquiridos com recursos de emenda parlamentar destinada pelo prefeito Eduardo Braide, quando ainda era deputado federal.



Momento da apresentação de Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial, no Rock in Rio 2022

Capital Inicial contagia 'Rock in Rio'

O show em celebração aos 40 anos de carreira do Capital Inicial no Rock in Rio será o mesmo que a banda apresentará em São Luís em 8 de outubro, às 21h, no Blue Tree Hotel, no Calhau. Trata-se de uma turnê que vai percorrer várias cidades brasileiras. A gigantesca presença de público que cantou com Dinho Ouro Preto e os outros integrantes da banda no Palco Mundo (Dinho chegou a se ajoelhar em tom de agradecimento à plateia ao término do show) revela o impacto desse show que está vindo para o Maranhão.



A designer Étia Vale é aniversariante desta segunda-feira (19) e vai comemorar ao lado da família e dos amigos. Por muitos anos, ela integrou a equipe do antigo jornal O Estado do Maranhão e até hoje compõe o staff de produção dos eventos realizados pelo Repórter PH



Nattan deu uma palhinha durante o coquetel de lançamento do evento

Nattan marca presença no lançamento do "Receba"

Dois artistas que estouraram recentemente estão confirmados para o "Receba", a ser realizado dia 15 de outubro, no estacionamento do São Luís Shopping. Refiro-me a Nattan e Pedro Sampaio, o primeiro causando com o hit "Tem cabaré essa noite" e o segundo dono de canções exaustivamente executadas nas rádios e acessadas na Internet. A dupla de famosos vem com tudo para protagonizar dois shows muito aguardados pelo público local. No início desta semana, a produtora 4Mãos, responsável pela produção, reuniu alguns convidados vips para o coquetel de lançamento oficial do projeto com a presença de Nattan e toda a sua simpatia e humildade. O cantor ainda deu uma palhinha e a cena foi transmitida ao vivo pelas redes sociais, aumentando a venda de ingressos.



A influenciadora digital Karol Sampaio



Evandro Júnior, Érick Fernandes, Elanne Vanessa e João Ricardo



Marcelo Aragão com o cantor Guilherme Torres



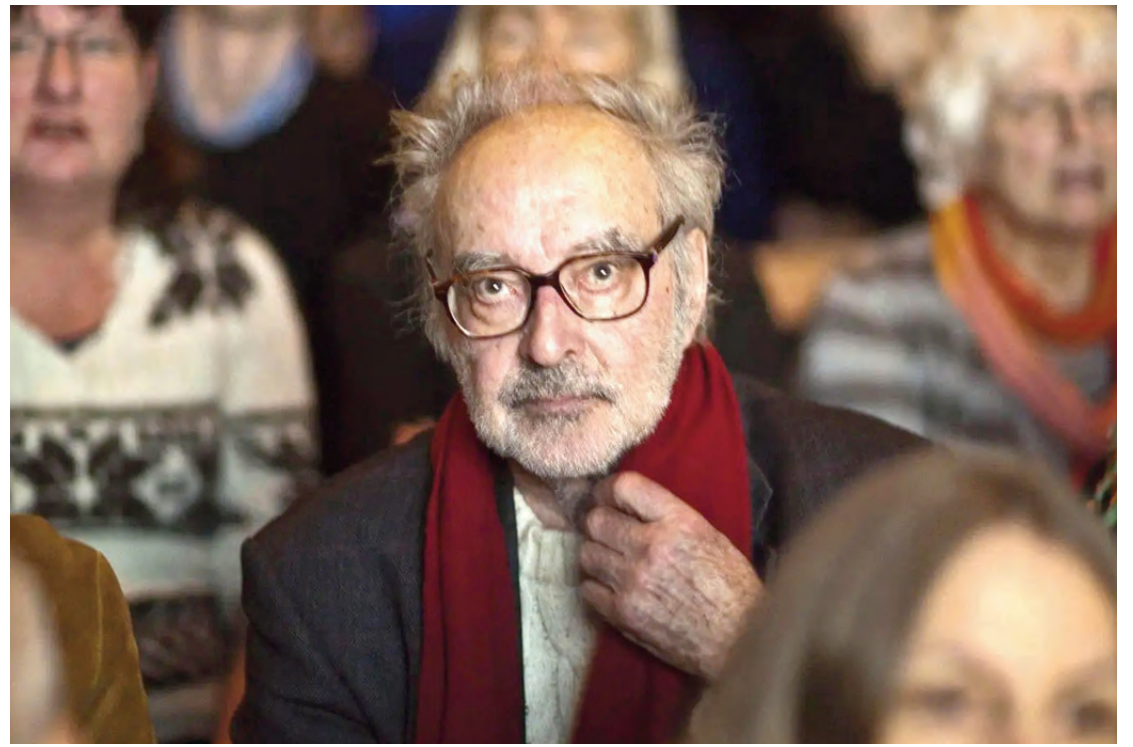
Samuel Figueiredo e Lucas Angelo de Figueiredo



Jefferson Lauande



Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg no set de "Acosado" em 1959. O filme passou a representar a Nouvelle Vague francesa



Jean-Luc Godard trabalhando no set de "O Demônio das Onze Horas" ("Pierrot le Fou") na década de 1960

GODARD, 91, ESTÁ MORTO

o cineasta e provocador franco-suíço repensou radicalmente o cinema e deixou uma influência duradoura no meio

Jean-Luc Godard em 1964. "Sempre confundi cinema com vida", disse. "Para mim, a vida é apenas parte dos filmes". Na última terça-feira, acordamos num mundo diferente. Godard já não estava mais conosco. Que solidão insuportável!

Jean-Luc Godard, o ousadamente inovador diretor e provocador cujo trabalho de câmera não convencional, estilo narrativo desarticulado e inclinação para a política radical mudaram o curso do cinema na década de 1960, deixando uma influência duradoura sobre ele, morreu na última terça-feira em sua casa em Rolle, na Suíça. Ele tinha 91 anos.

Seu consultor jurídico de longa data, Patrick Jeanneret, disse que Godard morreu por suicídio assistido, tendo sofrido de "múltiplas patologias incapacitantes".

"Ele não podia viver como você e eu, então decidi com grande lucidez, como fez em toda a sua vida, dizer: 'Agora, basta'", disse Jeanneret em entrevista. Godard queria morrer com dignidade, disse Jeanneret, e "foi exatamente o que ele fez".

Mestre dos epigramas e dos filmes, Godard certa vez observou: "Um filme consiste em um começo, um meio e um fim, embora não necessariamente nessa ordem".

Na prática, ele raramente embaralhava a linha do tempo de seus filmes, preferindo avançar em suas narrativas por meios como o "jump cut" elíptico, que ele fez muito para tornar uma ferramenta amplamente aceita. Mas ele nunca se cansava de desmontar formas estabelecidas e remontá-las de maneiras invariavelmente frescas, frequentemente espirituosas, às vezes obscuras, mas constantemente estimulantes.

Como um jovem crítico na década de 1950, Godard foi um dos vários escritores iconoclastas que ajudaram a transformar uma nova publicação chamada Cahiers du Cinéma em uma força crítica que varreu a velha guarda do cinema de arte europeu e a substituiu por novos heróis amplamente desenhados das fileiras do cinema comercial americano – diretores como Alfred Hitchcock e Howard Hawks.

Quando seu primeiro longa-metragem como diretor, "Acosado" ("À Bout de Souffle"), foi lançado em 1960, Godard juntou-se a vários de seus colegas Cahiers em um movimento que a imprensa francesa logo rotulou como a Nouvelle Vague – a Nova Onda.

Para Godard, assim como para amigos e associados da New Wave como François Truffaut, Claude Chabrol, Jacques Rivette e Eric Rohmer, a "tradição de qualidade" representada pelo cinema francês estabelecido era um beco sem saída estético. Para eles, foi estrangulado por influências literárias e demonstrações vazias de habilidade que tiveram de ser vencidas para dar lugar a um novo cinema, que brotou da personalidade e das predileções do diretor.

Embora "Acosado" não tenha sido o primeiro filme New Wave (tanto Nas Garras do Vício ("Beau Serge") de Chabrol de 1958 quanto "Os Incompreendidos" ("400 Blows") de Truffaut de 1959 o precederam), tornou-se representativo do movimento. Godard justapôs sem remorsos dispositivos de enredo e personagens herdados de filmes de gênero e material emocional desenterrado, quase em forma de diário, da vida pessoal do cineasta.

O filme conta a história de um malandro parisiense (Jean-Paul Belmondo) que comete assaltos para conseguir dinheiro suficiente para fugir para Roma com uma estudante americana (Jean Seberg), que parece indiferente ao seu romance apesar de estar grávida de dele.

"Acosados" – filme emblemático de minha juventude – é um híbrido artístico que parecia capturar as discontinuidades e conflitos da vida moderna, metade no mundo público artificial criado pela mídia e metade nos recessos mais profundos da consciência. Na fase posterior e mais radical de Godard, ele chegou a sugerir que não havia distinção real entre os dois reinos.

"Depois de 'Acosado', qualquer coisa artística parecia possível no cinema", escreveu o crítico Richard Brody. "O filme se movia na velocidade da mente e parecia, diferente de tudo que o precedeu, uma gravação ao vivo de uma pessoa pensando em tempo real.

"Foi também um grande sucesso, um fenômeno divisor de águas", acrescentou Brody. "Mais do que qualquer outro evento de sua época, 'Acosado' inspirou outros diretores a fazer filmes de uma nova maneira e despertou o desejo dos jovens de fazer filmes. Lançou instantaneamente o cinema como a principal forma de arte de uma nova geração".

Um homem baixo, magro, muitas vezes desalinhado, com óculos pretos de aros grossos e um cigarro ou charuto sempre presente, o Jean-Luc Godard raramente

dava entrevistas. Quando o fazia, ele normalmente desviava de perguntas investigativas sobre sua vida e arte.

A pergunta de um jornalista em 1980 sobre sua decisão de se mudar de Paris em 1974 para Grenoble, nos Alpes franceses, e depois para a Suíça, suscitou várias explicações contraditórias – incluindo uma afirmação do Godard. "Apenas entrei no carro e peguei a estrada".

Era a descrição de uma cena famosa em "Acosado" em que Jean-Paul Belmondo rouba impulsivamente um automóvel em Marselha e dirige-se para o campo sem um plano.

"O problema de falar com as pessoas é que sempre confundi cinema com vida", disse Godard naquela entrevista. "Para mim, a vida é apenas parte dos filmes".

Em 2010, Godard, há muito em desacordo com Hollywood, foi premiado com um Oscar honorário da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pelo conjunto da obra, mas não sem controvérsia. O prêmio reviveu acusações de longa data de que Godard tinha opiniões antissemitas.

Ele não compareceu à cerimônia e, quando um entrevistador perguntou depois o que o prêmio significava para ele, ele foi direto.

"Nada", disse ele. "Se a academia gosta de fazer isso, deixe-os fazer".

4 Jean-Luc Godard nasceu em 3 de dezembro de 1930, em Paris – mesmo ano em que nasceram no Maranhão José Sanezy (em abril) e Ferreira Gullar (em setembro), o segundo de quatro filhos de uma família protestante extremamente rica. Seu pai nascido na França, Paul-Jean, era um médico proeminente, e sua mãe, Odile Monod, era filha de um importante banqueiro suíço. O St. Godard atribuiu a seus pais o fato de inculcar nele o amor pela literatura; ele inicialmente queria ser um romancista.

Paul-Jean Godard, que se tornou cidadão suíço, abriu uma clínica em Nyon, na Suíça, e Jean-Luc passou sua infância lá, visitando as propriedades de sua família nas margens francesa e suíça do Lago Genebra e permanecendo lá até o final da Segunda Guerra Mundial.

Depois que a França foi libertada, ele retornou a Paris ainda adolescente para frequentar a escola secundária, o Lycée Buffon, então se matriculou na Sorbonne em 1949, com a intenção de estudar etnologia. Em vez disso, ele mergulhou no cinema, passando grande parte de seu tempo na Cinémathèque Française, um arquivo de filmes e sala de exibição sem fins lucrativos, e nas sociedades cinematográficas do Quartier Latin.

Conta-se que foi na Cinemateca que Godard conheceu André Bazin, um influente crítico e teórico de cinema, e outros jovens cinéfilos do seu círculo, incluindo Truffaut, Rohmer e o Rivette. Começou a escrever resenhas para a revista La Gazette du Cinéma em 1952 sob o pseudônimo de Hans Lucas, e mais tarde se juntou a Truffaut, Rohmer e Rivette como colaborador da Cahiers du Cinéma, que Bazin havia fundado.

5 Quando seus pais se recusaram a apoiá-lo financeiramente, esperando que ele assumisse mais responsabilidade por si mesmo, Godard começou a

roubar dinheiro – de seus familiares e amigos e até do escritório dos Cahiers du Cinéma. Isso durou cinco anos.

Ele distribuiu parte da renda para outros cineastas, emprestando a Rivette dinheiro suficiente para fazer sua estreia no cinema com "Paris nos pertence".

"Eu belisquei dinheiro para poder ver filmes e fazer filmes", disse Godard ao The Guardian em 2007.

Depois que sua mãe conseguiu um emprego para ele em uma emissora de televisão suíça, ele roubou de seu empregador e em 1952 foi preso em Zurique. Seu pai obteve sua libertação rápida, mas somente depois que Godard concordou em passar vários meses em um hospital psiquiátrico.

Ele cresceu afastado de seus pais, e quando sua mãe morreu em um acidente de avião em 1954, ele não compareceu ao funeral.

Uma década depois, Godard prestou uma espécie de homenagem à sua mãe em "Bando a parte" ("Band of Outsiders"), um filme sobre dois ladrões que se apaixonam por uma jovem que mora em uma vila. A protagonista feminina, interpretada por Anna Karina, uma modelo dinamarquesa que era a esposa de Godard (sua primeira) na época, se chama, como sua mãe, Odile, e, como sua mãe, ela detesta filmes.

6 A vida pessoal e profissional do Jean-Luc Godard se entrelaçaram ao longo de sua carreira. Seu primeiro casamento, em 1961, com a Sra. Karina, terminou em divórcio em 1964. (Ela morreu em 2019.) Em 1967, quando ele tinha 36 anos, casou-se com Anne Wiazemsky, uma atriz 16 anos mais nova que estrelava seu filme "A Chinesa" ("La Chinoise"). Wiazemsky, que morreu em 2017, escreveu dois livros sobre o casamento deles, que terminou em 1979. Doze anos atrás, ele se casou com Anne-Marie Miéville, que sobreviveu a ele.

Godard desenvolveu o esboço de "Acosado" em 1959, inspirado por um recorte de jornal dado a ele por Truffaut. Para suas estrelas ele escolheu Jean-Paul Belmondo, filho de um conhecido escultor no início de sua carreira de ator, e Jean Seberg, uma atriz americana que os críticos de Cahiers admiraram por suas atuações em dois filmes de Otto Preminger, "Santa Joana" (1957) e "Bom dia, tristeza" ("Bonjour Tristesse", de 1958).

Godard permaneceu mais conhecido por "Acosado" e cerca de uma dúzia de filmes que ele fez em rápida sucessão, terminando com "Weekend à francesa" em 1967. O público universitário identificou-se com o romantismo condenado do personagem central de Belmondo em "Acosado", um filme mesquinho criminoso que se identificava com o romantismo condenado dos personagens interpretados por Humphrey Bogart nos filmes americanos que Godard e seus colegas dos Cahiers admiravam.

Em um nível, "Acosado", produzido com um orçamento de US\$ 70.000, parecia cumprir o famoso ditado desdenhoso de Godard: "Tudo o que você precisa para fazer um filme é uma garota e uma arma". Mas o ritmo irregular – com cenas às vezes fora de sequência – fascinou e desorientou o público.

Escrevendo alguns anos após o lançamento do filme, a

crítica cultural Susan Sontag comparou seu impacto no cinema ao efeito que os cubistas tiveram na pintura tradicional. E cobrindo uma exibição de renascimento de "Acosado" em 2000, o ensaísta e romancista Philip Lopate disse que se sentiu tão empolgado com o filme quanto quando o viu pela primeira vez 40 anos antes.

Outros grandes filmes de vanguarda foram lançados na mesma época: "L'Avventura" de Michelangelo Antonioni (1960), "Os 400 Golpes" de Truffaut (1959) e "A Virgem Primavera" de Ingmar Bergman (1960). "No entanto, apenas 'Acosado' parecia uma ruptura revolucionária com o cinema anterior", escreveu Lopate no The New York Times. "Parecia um novo tipo de narrativa, com seus cortes atrevidos, digressões, citações, piadas e endereços ao espectador".

O filme se tornou um sucesso internacional, um dos maiores sucessos comerciais da carreira de Godard. Haveria até um remake americano em 1983, estrelado por Richard Gere.

7 Mas, em vez de repetir a fórmula vencedora de "Acosado", Godard introduziu um elemento de política radical em seu próximo filme, o cinza e sombrio "O Pequeno Soldado" ("Le Petit Soldat"), que criticou a conduta francesa na guerra pela independência da Argélia. O filme foi banido dos cinemas franceses por três anos, durante os quais Godard dirigiu uma homenagem colorida ao musical de Hollywood "A Woman Is a Woman" (1961), estrelado por Karina, e "My Life to Live" (1962), de influência escandinava, que a colocou como uma dona de casa parisiense que mergulha em uma vida de prostituição.

Em 1963, o produtor italiano Carlo Ponti ofereceu a Godard um orçamento robusto e os serviços de Brigitte Bardot, então no auge de sua popularidade internacional, para criar uma versão cinematográfica do romance de Alberto Moravia "Il Disprezzo". O filme resultante foi "Desprezo", a história de um roteirista (interpretado por Michel Piccoli) que é contratado por um venal produtor americano (Jack Palance) para dar um up no roteiro de uma "Odisséia" sendo filmada em Roma por um veterano diretor de Hollywood (Fritz Lang, interpretando a si mesmo).

8 O roteirista luta para manter sua integridade em relação a seu trabalho e sua esposa (o produtor parece ter projetos em ambos), mas vê seu auto-respeito se esvaindo. Em meio aos habituais fogos de artifício Godard – que incluem fotos das costas nus de Bardot, inseridas para satisfazer as exigências contratuais de Ponti – "Desprezo" mantém um senso tranquilo de tragédia humana que, para muitos críticos, o torna a obra-prima do primeiro período de Godard.

Em 1979, Godard mudou-se novamente, desta vez para Rolle, na Suíça, onde manteve uma casa e um escritório de produção – junto com outro nos arredores de Paris – pelo resto de sua carreira.

A medida que envelhecia, Godard parecia mais intolerante com outros diretores de cinema. Ele brigou amargamente com Truffaut, que já foi seu amigo mais próximo entre os diretores da New Wave.

Ele foi especialmente mordaz em relação a Steven Spielberg. No filme de 2001 "In Praise of Love", ele retrata representantes de Spielberg tentando comprar os direitos do filme sobre as memórias de um casal judeu que lutou na Resistência Francesa.

"Para mim, Godard fez com os filmes o que Bob Dylan fez com a música", disse Tarantino certa vez. "Ambos revolucionaram suas formas".

Godard insistiu que, apesar de sua decepção com a Hollywood contemporânea, ele continuava apaixonado pelos grandes diretores americanos do passado.

"Pensamos que poderíamos fazer melhor do que os filmes ruins, mas não melhor do que os bons", disse ele em uma entrevista de 1989 ao Times. "Eu nunca pensei que faria melhor do que John Ford ou Orson Welles, mas pensei que talvez pudesse fazer o que Godard deveria fazer".

Conciliar estas preocupações de leitura do mundo com um universo poético próprio, mais ou menos secreto, assente numa devoção pela ruína (era um romântico, bien sûr), pelo fragmento, pelo flash ("montagem, minha bela inquietação") que nunca perde de vista a procura da beleza nem a consciência de que "a beleza é o princípio do horror que podemos suportar" (a citação de Rilke está em "Nome: Carmen" e pode aplicar-se a todo o Godard das últimas décadas). Foi isto até o fim.

Homem de aforismos que ficarão na cabeça de muitos amantes de cinema – frases como "O cinema é a mais bela fraude do mundo" ou "Uma história deve ter um princípio, um meio e um fim, mas não necessariamente por esta ordem" –, usa por duas vezes uma frase de outro cineasta, o português Manoel de Oliveira, nos filmes Para Sempre Mozart e História(s) do Cinema, que pode agora ser lida como uma definição da sua obra: "O teu cinema é a saturação de signos magníficos que se banham na luz da sua falta de explicação".

Para o grande cineasta francês que acreditava que o cinema era algo que estava entre a arte e a vida, decidir a hora da morte era o mais acertado a fazer. Afinal, foi Godard que, perante a pergunta "qual é a sua maior ambição na vida?", respondeu: "Tomar-me imortal... E depois morrer". Conseguiu, aos 91 anos, tornar-se imortal. E depois morreu.



Jean-Luc Godard em três expressões